



Texto & Contexto Enfermagem

ISSN: 0104-0707

texto&contexto@nfr.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Camponogara, Silviamar; Cardoso Kirchhof, Ana Lucia; Lima Gelbcke, Francine; Bosi de Souza
Magnago, Tania Solange

O espaço do diálogo na pesquisa em enfermagem: relato de experiência sobre a fase de coleta de
dados

Texto & Contexto Enfermagem, vol. 16, núm. 4, outubro-dezembro, 2007, pp. 762-768

Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71416422>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O ESPAÇO DO DIÁLOGO NA PESQUISA EM ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A FASE DE COLETA DE DADOS¹
THE SPACE OF DIALOG IN NURSING RESEARCH: EXPERIENCE REPORT ABOUT THE DATA COLLECTING PHASE
EL ESPACIO DEL DIÁLOGO EN LA INVESTIGACIÓN EN ENFERMERÍA: RELATO DE EXPERIENCIA EN LA FASE DE LA RECOLECCIÓN DE LOS DATOS

Silviamar Camponogara², Ana Lucia Cardoso Kirchof³, Francine Lima Gelbcke⁴, Tania Solange Bosi de Souza Magnago⁵

¹ Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro do Núcleo de Estudos sobre Trabalho, Saúde, Cidadania e Enfermagem (PRÁXIS). Bolsista do Programa de Qualificação Institucional (PQI) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutora em Enfermagem. Professora Aposentada do Departamento de Enfermagem da UFSC. Coordenadora do Projeto. Santa Catarina, Brasil.

⁴ Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto no Departamento de Enfermagem da UFSC. Diretora de Enfermagem do Hospital Universitário Dr. Polydoro Ernani de São Thiago da UFSC. Coordenadora do PRÁXIS. Santa Catarina, Brasil.

⁵ Enfermeira. Doutoranda do Núcleo de Pesquisa Enfermagem e Saúde do Trabalhador, da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da UFSM. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem Departamento de Enfermagem/UFSM. Bolsista PQI/CAPES. Rio Grande do Sul, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa. Estudantes de enfermagem. Aprendizagem.

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência que objetiva refletir sobre a importância de criar-se um espaço dialógico no processo de pesquisa em enfermagem, especialmente na fase de coleta de dados, como forma de qualificar o processo de ensino e de pesquisa propriamente dito. A experiência aconteceu entre os meses de março a agosto de 2006, quando estudantes de enfermagem coletaram dados de uma pesquisa de abordagem quantitativa, por meio de entrevista, a uma população de 532 trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário. Durante este período ocorreram encontros dialógicos entre os envolvidos, com o intuito de possibilitar troca de experiências e o estabelecimento de um espaço para a manifestação de sentimentos, dificuldades, construção de estratégias de ação e de aprendizagem. A experiência foi significativa, apontando que a aprendizagem em pesquisa deve ser acompanhada de um processo dialógico entre os envolvidos, possibilitando sua autonomia e comprometimento.

KEYWORDS: Research. Nursing students. Learning.

ABSTRACT: This work consists of an experience report that aims to reflect upon the importance of creating a dialogic space in the process of nursing research, especially during the phase of data collection, as a way to qualify the teaching and research process itself. The experience was carried out from March until August of 2006, when nursing students collected data through interviews for a quantitative study from a population of 532 nursing workers of a University Hospital. During this period, dialogic meetings between the involved workers and researchers occurred, aiming to make the exchange of experiences possible, as well as the establishment of a space where they could express their feelings and difficulties, and where the construction of strategies for action and learning can happen. The experience was significant; pointing out that learning in research must be associated to a dialogic process between those involved, making its autonomy and commitment possible.

PALABRAS CLAVE: Investigación. Estudiante de enfermería. Aprendizaje.

RESUMEN: Se trata de un relato de experiencia cuyo objetivo es reflexionar sobre la importancia de crear un espacio dialógico en el proceso de la investigación en enfermería, especialmente en la fase de la recolección de los datos, como una forma de calificar el proceso de enseñanza y de investigación propiamente dicho. La experiencia ocurrió en los meses de marzo a agosto de 2006, cuando estudiantes de enfermería recolectaron datos de una investigación con abordaje cuantitativo, por medio de entrevistas a una población de 532 trabajadores de enfermería de un hospital universitário. Durante este período ocurrieron encuentros dialógicos entre los involucrados, con el objeto de posibilitar intercambios de experiencias y el establecimiento de un espacio para la manifestación de sentimientos, dificultades, construcción de estrategias de acción y de aprendizaje. La experiencia fue significativa, mostrando que el aprendizaje en investigación debe ser acompañado de un proceso dialógico entre los involucrados, posibilitando su autonomía y compromiso.

Silviamar Camponogara
Endereço: R. dos Andradas, 1259, Ap. 103
97.010-031 - Centro, Santa Maria, RS,
Email: silviaufsm@yahoo.com.br

Relato de experiência
Recebido em: 08 de março de 2007
Aprovação final: 17 de outubro de 2007

CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL

O desenvolvimento da prática da pesquisa, em diferentes áreas, tem sido uma busca constante no intuito de superar uma visão elitista, que coloca o pesquisar como prerrogativa exclusiva de grandes instituições e intelectuais bem como consolidar a produção do conhecimento. A constatação de que as profissões somente solidificam um corpo de conhecimentos por meio da produção de pesquisa, tem estimulado uma disseminação desta prática entre os diferentes atores que as compõem. Especialmente no cenário brasileiro, é marcante a discussão sobre a inclusão de conteúdos, disciplinas e estratégias que estimulem a pesquisa nas universidades. Assim, o contato do estudante com a pesquisa, além de incorporar novos conhecimentos à profissão também qualifica o processo educativo, embora, para que atinja estes objetivos, deva buscar uma condição de consciência crítica e ser componente de uma proposta emancipatória.¹

Na área da enfermagem, a pesquisa é uma prática cada vez mais comum em diferentes cenários e níveis. Por ser considerada uma profissão recente, sabe-se da importância de agregar novos conhecimentos, no sentido de ampliar o esteio teórico-prático da mesma. Com isso, à medida que a enfermagem brasileira começou a problematizar o seu cotidiano, por meio da abordagem científica, foi sendo construída uma produção mais significativa e específica à profissão. Desta forma, o ensino de graduação passou a contemplar a pesquisa na formação, a fim de que o futuro profissional adquirisse motivação e capacitação para este exercício.²

Percebe-se que, ao longo das mudanças curriculares que perpassaram o ensino de enfermagem no Brasil, tem havido uma preocupação maior com a inserção de disciplinas e/ou atividades que estimulem e concretizem o processo de pesquisa na formação profissional do enfermeiro. Ressalta-se aí o incremento, nas últimas décadas, da pós-graduação em enfermagem, fundamental para qualificar os enfermeiros para a prática da pesquisa, tanto na academia quanto na assistência.

Contudo, acreditamos que seja necessário refletir sobre a forma como os futuros enfermeiros têm sido engajados a este processo e, que percepções têm colhido sobre o pesquisar em enfermagem. Acreditamos que, para além de uma instrumentação técnica sobre o processo de pesquisar, outras habilidades devam ser agregadas, se quisermos que a

pesquisa exerça uma função crítica e emancipadora na formação do enfermeiro.

Neste sentido, apresentamos um relato de experiência sobre uma vivência de coleta de dados de pesquisa, desenvolvida por um grupo de estudantes de enfermagem, objetivando refletir sobre a importância de criar-se um espaço dialógico no processo de pesquisa em enfermagem, especialmente na fase de coleta de dados como forma de qualificar o processo de ensino e de pesquisa, propriamente dito. Destacamos que a educação tem sido submetida à condição de instrução e reprodução, quando deveria aparecer como instrumentação criativa e emancipatória, sendo a pesquisa um instrumento essencial desta criação, com valor educativo e científico.¹

A experiência em questão é parte de um projeto de pesquisa, multicêntrico, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cuja população alvo constituiu-se em cerca de 1700 trabalhadores de enfermagem de quatro Hospitais Universitários do país, os quais foram abordados por meio de entrevista, utilizando-se instrumento de coleta de dados estruturado com aproximadamente 220 questões fechadas, divididas em 12 blocos, e obedeceu aos preceitos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde N° 196/96 sobre pesquisa com seres humanos e aprovado pelo parecer N° 24/05 da Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina.

Neste momento, relatamos a experiência de coleta de dados em uma das instituições integrantes do projeto. Trata-se de um hospital universitário do interior do Rio Grande do Sul, sendo que participaram da coleta 09 acadêmicos de enfermagem, de diferentes semestres do curso de graduação, que se responsabilizaram pela entrevista de 532 trabalhadores de enfermagem das seguintes unidades: Clínica Cirúrgica; Clínica Médica; Unidades de Terapia Intensiva Adulto, Pediátrica e Neonatal; Bloco Cirúrgico, Sala de Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização; Unidade Psiquiátrica, Unidade Hemato-oncológica e Centro de Transplante de Medula Óssea; Unidades de Apoio Administrativo e Ambulatórios; Maternidade e Centro Obstétrico. A coleta de dados ocorreu no período de março a agosto de 2006 e, durante todo este período, ocorreram encontros entre os estudantes responsáveis pela coleta e supervisoras da coleta de dados.

Acreditamos que este relato tem especial importância, ao considerar-se que, além de revelar a aproximação da pesquisa com a formação profis-

sional, dá destaque à fase de coleta de dados, a qual se inicia com a aplicação dos instrumentos elaborados e constitui-se em tarefa cansativa, que normalmente toma mais tempo do que se espera, exigindo paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e um bom preparo anterior. Exige, igualmente, perfeito entrosamento entre as tarefas organizacionais, administrativas e científicas.³

Diante do exposto, consideramos que há uma lacuna na produção de conhecimentos em enfermagem no tocante a esta fase tão importante do processo de pesquisa, residindo aí a contribuição da vivência que ora apresentamos. Para tanto, além de explorar a experiência anteriormente mencionada, buscaremos fundamentá-la com base em autores da área da educação e da enfermagem.

PESQUISAR E DIALOGAR: BASES PARA A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SOBRE PESQUISA E ENFERMAGEM

Como já foi mencionado, o desenvolvimento de estratégias que estimulem a pesquisa na formação profissional tem sido fomentado em diversas áreas. Contudo, devemos estar atentos à forma como se dá esta aproximação do estudante com o pesquisar em si, no sentido de evitar que este processo resulte em mera instrumentalização técnica, já que a pesquisa é também um fenômeno político.¹ Com isso, pressupõe-se que, aprender a pesquisar, não significa somente busca de conhecimento, mas interação com a realidade.

No que se refere à pesquisa em enfermagem, igualmente pode-se dizer que, quando enfocada sob o ângulo da instrumentação técnica, não consegue provocar mudanças significativas na formação.⁴ Isto repercute negativamente no futuro profissional, uma vez que pode até ficar com uma visão distorcida do processo e com dificuldades de incorporá-lo, futuramente, em sua práxis. O estabelecimento de uma relação de aprendizagem em pesquisa, associada ao desenvolvimento da pesquisa em si, precisa, anteriormente, da configuração de um espaço em que todos os envolvidos possam posicionar-se, como sujeitos autônomos e ativos no processo, a fim de que a apropriação do todo seja compartilhada e, não se recaia no erro de fragmentar um processo (que *a priori* não deve ser fragmentado), nem tampouco de colocá-los como meros objetos, que, passiva e mecanicamente, respondem às demandas da pesquisa.

Assim, o que se espera desse processo, é que ensinar não seja apenas transferir conhecimentos,

mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.⁵ Com isso, constatamos que a verdadeira aprendizagem ocorre quando os educandos se transformam em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber, ou seja, sujeitos do processo, com respeito a sua dignidade e autonomia, o que constitui um imperativo ético.

Retomando a experiência em questão neste artigo, podemos assegurar que teve como pressuposto básico, desde a sua construção, o de colocar os participantes como sujeitos ativos no processo de pesquisa. Neste sentido, além da participação dos estudantes na elaboração e desenho do estudo, buscamos desenvolver estratégias que pudessem concretizar este intento. Particularmente, no que tange ao processo de coleta de dados, houve grande participação de supervisores e estudantes nesta etapa crucial da pesquisa, buscando-se estabelecer um espaço dialógico entre todos, o mais precocemente possível. Salientamos que, alguns dos estudantes já possuíam experiência com o processo de pesquisa, pois participavam de um grupo de pesquisa, ao qual se vinculou o projeto em questão e participaram da concepção da proposta do projeto. Outros foram se agregando aos poucos no processo, especificamente, por ocasião da aproximação do período de coleta de dados. Neste sentido, o fato de possuírem experiências diferentes sobre pesquisa, além de estarem em diferentes fases do curso (alguns nos semestres iniciais), reforçou a exigência de uma prática dialógica mais intensa.

Neste sentido, demarcamos uma concepção de diálogo que tem estreita aderência com a que o configura como encontro de seres humanos, mediatizados pelo mundo, uma exigência existencial em que os sujeitos refletem e buscam ações, em prol da transformação e humanização do mundo. Não se reduz a um momento para depósito de idéias, nem constitui simples troca de idéias, ou mero treinamento, já que não é um espaço neutro, mas sim de politização.⁶ Desta forma, dialogar pressupõe abertura, compartilhamento, troca de experiências, vivências, sentimentos, estabelecimento de relações, questionamentos, busca de respostas.⁴

Podemos dizer que, em nossa experiência, este espaço dialógico estabeleceu-se já no planejamento do estudo, mas foi na etapa do teste piloto que ganhou maior concretude. Assim, obedecendo às etapas previstas para uma pesquisa e, especialmente pelo fato de ser tão extensa (tanto o número de sujeitos a serem entrevistados como o instrumento de coleta de dados), buscamos estabelecer

um espaço dialógico entre todos, para que, o mais precocemente possível, houvesse uma identificação e comprometimento com o sucesso da pesquisa. Esse comprometimento é fruto da problematização dos sujeitos, como seres no/com o mundo, que se sentem desafiados e captam este desafio como um problema que está em suas conexões com os outros. Assim se dá o reconhecimento que engaja.⁶

Dessa forma, iniciou-se com mais afinco o processo de imersão no processo de pesquisa. Para tanto, conjuntamente, foi elaborado o Manual do Entrevistador, que objetivou facilitar a homogeneização de informações entre os entrevistadores, a partir do aprofundamento da discussão de cada questão a ser perguntada. Já nesta fase preparatória, podemos sentir a importância da participação efetiva e do envolvimento de todos os participantes do estudo, pois, o êxito tanto da pesquisa como do aprendizado acontece mediante o posicionamento crítico e autônomo dos sujeitos envolvidos, estabelecendo-se, assim, uma relação de aprendizagem em pesquisa, em que toda a construção seja compartilhada ativamente por estes sujeitos.

Outro momento significativo desta preparação foi o “treinamento dos entrevistadores”, que não está relacionado com mero adestramento (conforme a concepção Freiriana),⁵ mas ao contrário, possibilitou estreitar laços entre os participantes e destes com o processo de pesquisa. Nessa etapa, além do estudo metucioso do instrumento de coleta de dados e respectivo manual, foi utilizada a estratégia da dramatização, que oportunizou aos estudantes de enfermagem vivenciarem a experiência na situação de entrevistado/entrevistador previamente e, com isso, reduzir ansiedades, adquirir segurança e compreender possíveis reações dos profissionais a serem entrevistados. Ainda, como atividade pertencente a esta etapa, foi feito acompanhamento de cada entrevistador durante duas entrevistas com os profissionais de enfermagem, na unidade escolhida para o estudo piloto. O objetivo foi determinar o tempo gasto na coleta, testar o instrumento, identificar principais dúvidas e anseios dos entrevistadores. Posteriormente, foram realizadas discussões com o grupo no que diz respeito às percepções, aos sentimentos e às observações realizadas em todo o processo de preparação para a coleta de dados.

Cabe ressaltar que, já nesta etapa e nas que se seguiram, foi imprescindível a configuração da discussão grupal, como forma de permitir que cada participante expusesse suas percepções, seus

sentimentos positivos e negativos e ansiedades, bem como, que, ativamente, apontassem estratégias e soluções para eventuais dificuldades. Assim, já ultrapassamos a concepção de diálogo como mero repasse ou troca de idéias, mas sim estabelecemos um espaço para a construção conjunta de estratégias de ação e de conhecimentos, buscando transformar positiva e humanamente nossa realidade de pesquisa.

Esta experiência dialógica foi se tornando, mais necessária e significativa, ao passo que se dava início a coleta de dados propriamente dita. Nesta etapa, houve aumento da demanda de atividades de campo, relacionada à realização das entrevistas, exigindo maior dinamicidade dos estudantes, tanto para atender ao número de sujeitos que deveriam entrevistar, em diferentes horários de trabalho (as entrevistas deveriam ser realizadas no local e horário de trabalho dos respondentes, particularmente mais difíceis de serem realizadas no período noturno), como para estabelecer uma interação satisfatória com a equipe a ser entrevistada em cada unidade, incluindo aí suas chefias.

Por conta deste volume de atividades e exigências, começaram a aumentar também as dificuldades, na maioria dos casos relacionada com: recusa do respondente em participar da pesquisa (algumas vezes acompanhadas de agressões verbais), difícil compatibilização de horários das atividades acadêmicas e as de pesquisa, ambigüidades no entendimento de algumas questões relacionadas ao instrumento de coleta de dados (embora o teste piloto tenha sido considerado satisfatório), reclamações dos respondentes sobre a extensão do instrumento de coleta de dados ou constrangimento em revelar determinados dados, dentre outros.

Isto exigiu maior habilidade na condução do espaço dialógico. Cada participante era convidado a expor a sua experiência, oportunizando que relatasse, muitas vezes, pormenorizadamente, determinadas situações vivenciadas. Também foi necessário intensificar os encontros dialógicos, que passaram a ser semanais, bem como, a utilização de algumas estratégias que motivassem mais os acadêmicos a permanecer como coletadores de dados, bem como, qualificar o seu desempenho. Uma das estratégias adotadas foi oportunizar espaços para reflexão, utilizando pequenos textos ou mensagens, enviados por e-mail para o grupo ou discutidos, presencialmente, durante os encontros. Esta estratégia permitia a exposição de sentimentos relacionados à vivência que estavam tendo, os quais eram compartilhados com todo o gru-

po, possibilitando não só a identificação de questões semelhantes entre os participantes, como também a elaboração conjunta de estratégias que pudessem reforçar ou re-orientar determinadas condutas.

Assim, ao relatar sua vivência, os participantes manifestavam contentamentos e descontentamentos, relatavam detalhadamente os diversos tipos de enfrentamentos que tinham durante a coleta (com chefias ou próprios respondentes), expunham dificuldades particulares para conciliar horários ou realizar as entrevistas. Demonstravam sua satisfação quando eram bem recebidos nas unidades e pelos respondentes e, o quanto isto era gratificante, ou a insatisfação quando acontecia o contrário. Destacamos aqui, como um dos momentos de maior satisfação para os entrevistadores, aqueles em que havia o estabelecimento de certa empatia entre entrevistador e entrevistado e, deste último com a temática da pesquisa. Em alguns casos, os respondentes manifestaram um fervoroso agradecimento pela oportunidade de responder ao instrumento de pesquisa, afirmando que havia possibilitado a reflexão sobre seu cotidiano como trabalhador de enfermagem. Com isso, os entrevistadores percebiam que o processo de coleta de dados tem uma profundidade maior do que imaginavam, e que sua responsabilidade aumentava proporcionalmente.

Isto foi fundamental para ampliar ainda mais o espaço dialógico no grupo, que já não pretendia apenas discutir questões instrumentais sobre pesquisa, mas reforçar a proposição de ser um encontro de sujeitos, com liberdade para expor sentimentos e opiniões relacionadas à pesquisa, ao ensino, à enfermagem, caracterizado pela ajuda mútua, pela solidariedade. O ser humano, constantemente, busca ser mais e, esta busca não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires.⁶

Acreditamos que este tenha sido o marco necessário, para que os estudantes alcançassem maturidade, e uma postura ética relacionada ao estudo, bem como, o comprometimento exigido num processo dessa magnitude. Isto corresponde a nossa condição de seres histórico-sociais, capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, nos tornando éticos.⁵

Posteriormente, o trabalho foi se desenvolvendo de maneira mais tranqüila. Embora outras dificuldades surgissem, havia uma segurança por parte dos estudantes em relatá-las ao grupo, e saber que encontrariam apoio e soluções estratégicas para

minimizá-las. A maioria delas estava relacionada ao tamanho do instrumento e ao tempo de duração das entrevistas. Em alguns casos, os respondentes não só se recusavam a responder a entrevista, como também manifestavam agressões verbais, o que repercutia, negativamente, junto ao entrevistador, principalmente inibindo seu retorno ao campo de coleta de dados. No entanto, o espaço dialógico encontrado junto ao grupo, possibilitava que estes sentimentos fossem manifestados, e que o entrevistador obtivesse o apoio necessário para retomar o processo de coleta. Outras situações, trazidas à reflexão conjunta, relacionavam-se ao constrangimento dos respondentes quando inquiridos sobre determinados aspectos (financeiro, por exemplo) ou sobre o desconhecimento dos mesmos sobre os órgãos de classe que regulamentam a profissão, levando a uma discussão sobre a profissão como um todo.

Os encontros dialógicos, também tinham o propósito de problematizar outras questões do cotidiano de coleta de dados. Desta forma, inúmeras situações típicas e atípicas eram trazidas para o grupo, o que gerava mais discussões, outras vezes dúvidas relacionadas, principalmente, ao processo de pesquisar e suas etapas ou ao trabalho da enfermagem e questões inerentes à assistência. Neste sentido, acreditamos que a pesquisa constituiu-se em diálogo inteligente com a realidade, já que é processo e atitude que integra o cotidiano.¹

Com isso, os encontros passaram também a ser um espaço de aprendizagem sobre pesquisa e enfermagem. Algumas vezes, foi preciso retomar, teoricamente, assuntos/temas diversos, como forma de contextualizar o processo de pesquisa em si e, as situações vivenciadas no cotidiano da assistência de enfermagem em nível hospitalar ou o processo de trabalho em enfermagem. Não raras vezes, foi necessário falar sobre o conceito e as etapas de um projeto e de um relatório de pesquisa, para que os acadêmicos pudessem assimilar os pressupostos que embasavam a sua prática, enquanto coletadores de dados, bem como, os passos futuros e implicações da etapa de coleta de dados. Por outro lado, a discussão sobre questões da administração hospitalar, questões de classe e hierarquia, ética profissional, relações interpessoais, estruturação do processo de trabalho de cada profissional ou unidade pesquisada foram importantes, a fim de possibilitar melhor compreensão do campo de coleta de dados e aperfeiçoar o processo como um todo.

Acreditamos que isto seja importante, ao manter-se a premissa de que os estudantes têm au-

tonomia para expressar idéias e sentimentos e, de que, na aprendizagem sobre pesquisa, é necessária a instrumentalização técnica, mas também política dos mesmos; além de ser um espaço ideal para a abordagem de temas típicos da profissão, aproximando os estudantes com seu futuro, enquanto profissionais. Com isso, percebe-se que "... pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção. Em tese, pesquisa é a atitude do 'aprender a aprender', e, como tal, faz parte de todo processo educativo e emancipatório".^{7:128}

Da mesma forma, ensinar não significa abordar conteúdos mecanicamente, mas criar condições em que aprender criticamente seja possível, o que exige a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.⁶

Outro aspecto positivo dos encontros dialógicos, diz respeito à visão de conjunto de todo o processo, que é mantida por todos os participantes. Como já mencionamos, o processo de pesquisa não deve ser fragmentado ou individualizado. Ao contrário, constitui-se em um todo dinâmico, que envolve uma coletividade de sujeitos participantes. Nesse sentido, na medida em que cada participante podia expor, semanalmente, o seu trabalho no processo de coleta de dados, ia sendo construída uma idéia geral do andamento da pesquisa, aprimorando a visão de continuidade e dinamicidade da mesma, bem como, a homogeneização de condutas. Há que se ressaltar a visão de que, a pesquisa, deve ser tida como um processo social, que perpassa toda a vida acadêmica, atingindo diretamente professor e aluno. Sem ela não há como falar de universidade, se a compreendemos como descoberta e criação.¹

Podemos dizer que esta experiência, teve um significado muito importante para todos os envolvidos. Por um lado, um processo de coleta de dados bastante satisfatório, tendo como resultado um percentual superior a 85% dos dados coletados, com apenas 5% de perdas por recusa (os 10% restantes correspondem a perdas por afastamento do trabalhador). Por outro, a vivência de um espaço dialógico de intenso aprendizado, que repercutiu em várias esferas da vida acadêmica dos envolvidos no processo. Além disso, foi gratificante saber que, ao final da etapa de coleta de dados, os estudantes continuavam motivados para participar, ativamente, das demais etapas do processo de pesquisa, engajando-se também no trabalho de digitação, tabulação

e análise dos dados. Neste sentido, podemos dizer que a "pesquisa coincide com a vontade de viver, de sobreviver, de mudar, de transformar, de recomeçar. Pesquisar é demonstrar que não perdeu o senso pela alternativa, que a esperança é sempre maior que qualquer fracasso, que é sempre possível reiniciar".^{1:40}

DIALOGAR, PESQUISAR, ENSINAR E APRENDER: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A pesquisa deve ser parte integrante de todo processo educativo, sendo fundamental para a constituição de sujeitos autônomos, críticos e criativos. Entretanto, é a abordagem que se dá a este processo que poderá configurar ou não estas características aos sujeitos envolvidos. Neste sentido, sem pesquisa não há ensino, já que a ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa.¹

Para isso, a atitude de pesquisa deve ser o cerne da prática educativa em enfermagem, uma vez que se percebe "uma estreita relação entre a formação de um profissional crítico-criativo e a atitude investigativa".^{4:27} No entanto, não se deve resumir a obediência de etapas metodológicas que buscam a solução de problemas, mas ao exercício de compartilhar opiniões, fazer inferências, buscar soluções e promover o diálogo.⁴

A prática docente, ao, dinamicamente, exercitar a reflexão sobre o fazer e o pensar, propicia condições para que o educando, em sua relação com os outros e com o mundo possa assumir-se como sujeito. Neste sentido, educador e educando, não se adaptam ao mundo, mas nele se inserem, não são apenas objetos, mas sujeitos da História.⁵

Infelizmente, na academia e na enfermagem, o processo de ensino da pesquisa nem sempre ocorre desta forma. Alguns autores apontam que, no cenário de formação acadêmica surgem dificuldades relacionadas a uma perspectiva de imposição ao pesquisar e à obrigação de realizar um trabalho científico.⁸ Esta cobrança, sendo anterior à etapa de ambientação e de tomada de posição, pode prejudicar o desenvolvimento e o gosto pela produtiva sensação de curiosidade e inquietação. Estes atributos, que são sentimentos positivos e desencadeadores da capacidade de pensar e refletir, podem ser anulados pelo dever, obrigação e imposição, que geram insegurança. Para que isto não ocorra, deve haver uma valorização do processo de problematização/reflexão/construção.

Com isso, queremos dizer que, no âmbito da Universidade, quando normalmente se inicia o processo de imersão no mundo da pesquisa, o professor deve estar imbuído de uma concepção ampliada sobre ensinar a pesquisar. Deve concebê-la como um processo que, antes de instrumentalizar tecnicamente, pressupõem uma atitude ética e política, no sentido de possibilitar aos futuros enfermeiros, não só a motivação para a pesquisa, mas o exercício pleno de sua condição de sujeitos históricos. Para tanto, o professor deve assumir uma postura dialógica e, portanto, ética diante dos alunos, da profissão, da sociedade.

Foi desta forma, com esta idéia sobre a prática docente (neste caso, supervisor de coleta de dados), e sobre o papel do estudante de enfermagem, que buscamos construir a experiência em questão, assumindo-nos como co-participes, éticos, políticos, cidadãos e, por isso, conscientes de nossa práxis histórica. “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais”.^{6,92}

Por fim, torna-se necessário demarcar ainda, a importância da relação dialógica no processo de pesquisar/ensinar/aprender, como forma de possibilitar o pleno exercício do viver, do existir, da busca incansável pela transformação da realidade (de pesquisa em enfermagem), tornando-a mais humanizada. Para tanto, é imprescindível que o professor/pesquisador assuma este diálogo de acordo com alguns pressupostos Freirianos: amor ao mundo e aos homens, humildade como forma de contrapor a arrogância, fé nos homens e na sua vocação para “ser mais” e, esperança que nos leva a eterna busca.⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação de estudantes de enfermagem, em atividades de pesquisa, tem sido uma realidade cada vez mais comum no âmbito da formação acadêmica. Assim, espera-se não só ampliar o corpo de conhecimentos da profissão, mas também qualificar o processo de ensino-aprendizagem e de assistência à saúde da população.

Contudo, acreditamos ser necessário olhar, atentivamente, à forma como se dá a inserção e a

participação de estudantes de enfermagem na prática da pesquisa. Queremos, com isso, dizer que não basta instrumentalizá-los tecnicamente sobre este processo, mas é necessário agregar outras dimensões a esta experiência, oportunizando que seja um momento de expressão crítica e criativa sobre a realidade e que remeta a politização do estudante-pesquisador, a partir do exercício da autonomia e da busca do comprometimento. A criação de um espaço dialógico, como demonstrado neste relato de caso sobre a participação de estudantes, na condição de entrevistadores, na etapa de coleta de dados de uma pesquisa, revelou-se como uma estratégia importante para o atendimento deste intento.

Concluímos que, a prática de pesquisar em enfermagem, deve envolver, principalmente, instrumentalização técnica, afetividade, solidariedade, sensibilidade, coragem, alegria e ética. Acreditamos que isto possa qualificar ainda mais o processo de ensino da pesquisa e o processo de pesquisa em si, resultando em enfermeiros não só mais motivados para a pesquisa, mas também com o avanço da profissão.

REFERÊNCIAS

- 1 Demo P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 9a ed. São Paulo (SP): Cortez; 2002.
- 2 Ramos FRS, Paião MRR, Stefani A, Pereira EP. A pesquisa como experiência educativa: produções e percepções no ensino de graduação. *Texto Contexto Enferm.* 1999 Jan-Abr; 8 (1): 222-42.
- 3 Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos de metodologia científica. 3a ed. São Paulo (SP): Atlas; 1995.
- 4 Reibnitz KS, Prado ML. Formação do profissional crítico-criativo: a investigação como atitude de (re)conhecimento do mundo. *Texto Contexto Enferm.* 2003 Jan-Mar; 12 (1): 26-33.
- 5 Freire P. Pedagogia da autonomia. 4a ed. São Paulo (SP): Paz e Terra; 1996.
- 6 Freire P. Pedagogia do oprimido. 17a ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1994.
- 7 Demo P. Desafios modernos da educação. 4a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1996.
- 8 Neves EP, Souza IEO. Pesquisa em enfermagem: buscando resgatar a posição do sujeito que a desenvolve. *Texto Contexto Enferm.* 2003 Jul-Set; 12 (3): 387-93.